



**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

**Estágio Pedagógico**

# **Relatório Final de Estágio**

Daniel Diogo Ferreira de Castro – 2009120858

Coimbra, Junho de 2011



**Universidade de Coimbra**  
**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física**

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**Relatório Final de Estágio**  
**Escola Secundária José Falcão**

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor **Alain Massart** e co-orientação de Professor **António Cortesão**.

Daniel Diogo Ferreira de Castro

## Índice Geral

<b>Lista de Quadros</b>	II
<b>Resumo</b>	III
<b>Abstract</b>	IV
<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Descrição</b>	2
2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (PIF)	2
2.2. Descrição das actividades desenvolvidas	3
2.2.1. Planeamento	3
2.2.1.1. Plano Anual	4
2.2.1.2. Unidades Didácticas	5
2.2.1.3. Planos de Aula	8
2.2.2. Realização	11
2.2.3. Avaliação	17
2.2.4. Componente ético-profissional	20
<b>3. Reflexão</b>	23
<b>3.1. Ensino - Aprendizagem</b>	23
3.1.1. Aprendizagens realizadas como estagiário	23
3.1.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos	24
3.1.3. Inovações Pedagógicas	28
<b>3.2. Dificuldades sentidas e formas de resolução</b>	29
<b>3.3. Ética Profissional</b>	31
3.3.1. Capacidade de iniciativa e responsabilidade	31
3.3.2. Importância do trabalho individual e de grupo	32
<b>3.4. Questões Dilemáticas</b>	34
<b>3.5. Conclusões referentes à formação inicial</b>	35
3.5.1. Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar	35
3.5.2. Prática Pedagógica Supervisionada	36
3.5.3. Experiência pessoal e profissional	38
<b>4. Referências bibliográficas</b>	43

## **Lista de Quadros**

**Quadro 1** – Condições Temporais da prática lectiva ..... 17

**Quadro 2** – Questões a considerar no processo de avaliação segundo Aranha (2005).18

## **Resumo**

O estágio pedagógico incide-se na última etapa da formação inicial de professores, nomeadamente, realizado na Escola Secundária José Falcão em Coimbra, Portugal, no ano lectivo de 2010/2011. O presente relatório traz consigo alguns dos aspectos mais significativos do repertório experiencial das actividades desenvolvidas. Assim, abarca as primeiras vivências e percepções associadas ao “tornar-se-professor”, relativamente a prática lectiva de uma turma do 8º ano de escolaridade. Procurou-se conhecer alguns dos maiores ganhos e dificuldades associadas a este primeiro contacto com a prática pedagógica. A acção desenvolvida na escola pretende ir ao encontro das linhas orientadoras do Projecto Curricular de Escola. Desta forma, a preocupação foi com a adequação do processo de ensino-aprendizagem, com a rentabilização dos recursos existentes e com o desenvolvimento diversificado de actividades, no sentido de formar-se um cidadão ajustado à realidade existente e perspectivar o seu futuro. Procedendo-se, numa primeira fase, à contextualização da escola e ao conhecimento dos currículos de ensino, partiu-se, então, para a sistematização e reflexão de alguns conceitos que foram linhas programáticas deste estágio, nomeadamente, a planificação do ensino que repercutiu na selecção e na estruturação dos objectivos e no controlo e processo de avaliação. Esta, conteve alguns dos actos pedagógicos vivenciados, designadamente, os estilos e estratégias de ensino, bem como, os processos de ensino-aprendizagem das matérias abordadas. A assistência das aulas surge como forma de supervisão pedagógica dos demais colegas de estágio, de forma a ajudar na sua formação, bem como na nossa, mas principalmente, como observadores críticos. Outras actividades foram desenvolvidas com o intuito de conhecer-se e de controlar-se um conjunto de variáveis no processo de gestão e estruturação de projectos, bem como da sua aplicação. Na última parte deste relatório, expõe-se algumas conclusões e reflexões deste estágio na minha formação.

## **Abstract**

The internship teaching focuses on the last stage of the initial training of teachers, in particular, conducted at the Escola Secundária José Falcão of Coimbra, Portugal, during the academic year 2010/2011. This report describes some of the most significant aspects of the experimental repertoire of the activities which were carried out. Thus, it embraces the first experiences and perceptions associated with the: "to-become-a-teacher-experiment", in relation to the classroom practice in a class of the 8th year of schooling. Some of the largest gains and difficulties associated with this first contact with the pedagogical practice were evaluated. The action carried out in the school aims to meet with the guidelines of the Draft Curriculum of the School System. In this sense, the concern was regarding the adequacy of the teaching-learning- process, the profitability of existing resources and the development of different activities with the aim of forming a citizen adjusted to the existing reality and looking to the future. In the first part the contextualization of the school and the knowledge of the curricula of education were proceeded followed by the systematization and reflection of some of the concepts that were the lines of programming of this stage, in particular, the planning of the teaching which echoed into the selection and structuration of the objectives and into the monitoring and evaluation process. Some of the lived pedagogical acts, appointedly, the styles and strategies of education as well as the processes of teaching-learning of the treated subjects were contained in this process. The assistance of the lessons appears as form of the pedagogical supervision of the other training colleagues and to support them with their own formation, and ours as well, but thus mainly as critical observers. Other activities had been developed with the intention to know and to control a set of variables in the management process and structuration of projects, as well as of its application. In the last part of this report some conclusions and reflections of this period of training during my formation were exposed.

## 1. Introdução

O estágio pedagógico permitiu-me abraçar as *“primeiras vivências e percepções associadas ao tornar-se-professor, dando a conhecer alguns dos maiores ganhos e dificuldades associados a este primeiro contacto com a profissão”* (Fernandes, 2003).

O relatório final que se segue surge no âmbito do Estágio Pedagógico realizado no decorrer do 3º e 4º semestre relativo ao Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, durante o ano lectivo de 2010/ 2011.

O Estágio Pedagógico foi realizado na Escola Secundária de Coimbra, localizada na cidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Alain Massart e Co-Orientação do Professor António Cortesão, onde foi-me dada a possibilidade de colocar em prática, grande parte do conhecimento académico adquirido, como também, foi o meio na qual procuramos adequar o ensino, seguindo os objectivos específicos do 3º ciclo inseridos no Programa Nacional de Educação Física (PNEF), com vista a alcançar os objectivos gerais do ensino.

Este relatório é constituído por duas partes principais, distintas mas complementares: uma primeira parte de descrição e uma segunda de reflexão.

Na primeira descreverei sucintamente as minhas expectativas iniciais em relação ao próprio estágio, narrarei as actividades desenvolvidas em relação a questões de planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional. Justificarei igualmente as opções tomadas no decurso do estágio.

Numa segunda parte farei uma reflexão individual focada em várias componentes, como as aprendizagens realizadas, compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação nas práticas pedagógicas, dificuldades sentidas e formas de resolução, o sentido de iniciativa e de responsabilidade, a importância do trabalho individual e de grupo, questões dilemáticas e conclusões referentes à formação inicial.

## 2. Descrição

### 2.1. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio (PIF)

O estágio pedagógico é um processo de transição da vida de estudante para o início da prática docente, sendo este ano para mim, o primeiro contacto com a escola assumindo as funções de professor, daí as minhas expectativas iniciais serem as seguintes:

- ✓ Poder cativar/ formar os alunos;
- ✓ Aprofundar e integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções ou emitir juízos de informação, nos domínios da Educação Física;
- ✓ Revelar uma atitude de elevada responsabilidade social e de cidadania na orientação das actividades físico-desportivas, desenvolvendo competências que elevem a aptidão física, a qualidade de vida e a saúde, assim como, o gosto pela prática regular das actividades físicas dos alunos;
- ✓ Comunicar de um modo claro e adequado, utilizando diversas formas de expressão (escrita, oral, corporal e emocional) em contexto específico da organização ou orientação de actividades físico-desportivas;
- ✓ Revelar um sentido de aprendizagem e de superação permanente, privilegiando a partilha da informação e assumindo comportamentos trabalho em equipa;
- ✓ Ser capaz de desenvolver e aplicar competências específicas, através de um estágio de natureza profissional e produzir um relatório final revelador de espírito de investigação e originalidade, em domínios relacionados com a Educação Física.

Dada toda a formação que recebi durante a licenciatura e durante o primeiro ano de mestrado, assim como da minha experiência área do treino previa que todas as exigências do cargo de professor estagiário fossem as melhores.

Posso referir que no início deste importante ano lectivo, me encontrava bastante entusiasmado com a ideia de seguir para estágio, uma fase muito importante na formação dos futuros professores, e onde devem ser absorvidas o maior número de experiências possíveis, de modo a tomar os professores o mais competentes possível.

A aproximação desta realidade que futuramente encontraremos no mercado de trabalho como professores, deixou-me agradavelmente ansioso pelo facto de poder por



em prática tudo o que me foi ensinado, assim como perceber os diversos problemas com os quais nos podemos deparar e testar estratégias para os combater.

Com a realização do Estágio Pedagógico, ao agir no terreno, fiquei com uma ideia mais concreta e palpável de toda a envolvência que acarreta o processo de ensino-aprendizagem, apercebendo-me assim de algumas dificuldades em aplicá-lo, dificuldades essas que mais à frente neste trabalho passo a citar.

Sem dúvida que, após a realização deste Estágio, fiquei com um conhecimento mais aprofundado da realidade de leccionar aulas de Educação Física.

## **2.2. Descrição das actividades desenvolvidas**

### **2.2.1. Planeamento**

O planeamento revelou-se na competência profissional a desenvolver mais trabalhosa e exigente, sendo assim fundamental a sua realização uma vez que o processo de ensino-aprendizagem não assenta em acções pedagógicas planeadas individual e isoladamente de aula para aula, ou improvisadas no próprio momento de aula.

No que diz respeito à planificação do ensino, existem quase tantas definições, quantos os autores, as quais passo a apresentar:

Pereira (2000), citando Clark e Peterson (1983), refere que a planificação é um *“processo psicológico fundamental no qual uma pessoa visualiza o futuro, inventaria os fins e os meios, constrói um quadro para guiar a sua acção futura”*.

Para Taba (1972) citando Carvalheira (1996), planificar é desenhar de forma estruturada o acto de ensinar. É prever, ordenar e desenhar o acto pedagógico, num processo em que professores e alunos se encontram.

O planeamento pode ainda ser entendido na generalidade como método de previsão, organização e orientação do processo de ensino-aprendizagem, é concebido como um instrumento didáctico-metodológico, no sentido de facilitar as decisões que o professor tem de tomar, para alcançar os objectivos a que se propões (Sousa, 1991).

Por último, Olímpio Bento (1998), define planeamento como *“uma reflexão pormenorizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina.”* O autor afirma ainda que o plano é um modelo racional, ou seja, que permite antecipadamente reconhecer e regular o comportamento actuante e que

tem como funções motivar e estimular os alunos para as aulas, transmissão de vivências e experiências, racionalização da acção e também orientação e controlo.

Ao professor são exigidas um conjunto de múltiplas e complexas funções que implicam a necessidade de elaborar uma previsão da acção que irá realizar, no sentido de, entre essas funções, estabelecer uma linha condutora que oriente essa acção no seu conjunto, tornando-a eficaz. Torna-se assim necessária, por parte dos professores, uma resposta planeada às exigências do processo de ensino-aprendizagem.

### **2.2.1.1. Plano anual**

Segundo Neves e Graça (1997), é importante que os professores no início do ano lectivo tenham uma visão de conjunto sobre o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver ao longo do ano. O início do ano lectivo constitui assim um momento privilegiado para que os professores iniciem a preparação do respectivo ano.

Olímpio Bento (1998), refere que o plano anual tem uma perspectiva global e procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Os objectivos presentes no programa ou as normas programáticas de cada ano são de uma formulação avaliável e concreta para professores e alunos, mas apenas de um modo muito geral. Trata-se de delinear um plano global, integral e realista da intervenção educativa do professor, por um longo período de tempo.

Assim sendo, o plano anual da turma 2 do 8º ano de escolaridade da Escola Secundária José Falcão, começou a ser desenhado nas primeiras reuniões do grupo de estágio com o respectivo orientador. Nesta reunião foi-nos facultado a composição curricular do 8º ano, sendo 9 as matérias de ensino a abordar: Basquetebol, Andebol, Rugby, Patinagem e Hóquei Patins, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática; Ginástica de Aparelho, Natação e Atletismo. Posteriormente o Grupo de Educação Física forneceu-nos o mapa de rotação das instalações desportivas. De seguida foi necessário distribuir as matérias pelos respectivos espaços de forma racional e equilibrada para que o número de aulas em cada matéria fosse idêntico.

Posto isto, os principais objectivos do Plano Anual eram: orientar o processo de ensino-aprendizagem da turma a que me pertenceu leccionar; controlar toda a planificação a curto, médio e longo prazo com mais segurança e fiabilidade; determinar

os objectivos gerais e específicos de cada matéria a alcançar pelos alunos; e definir a distribuição temporal e espacial das matéria durante o ano lectivo.

### **2.2.1.2. Unidades Didácticas**

De acordo com Olímpio Bento (1998), as unidades didácticas são partes fundamentais do programa de uma disciplina, na medida que apresentam quer aos professores quer aos alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. Segundo este autor, é nesta fase que decorre a maior parte do planeamento e da docência do professor, e é aqui que deve ser explorada a sua criatividade.

Neste nível de planeamento muitos dos professores limitam-se a distribuir a matéria de ensino pelas diferentes aulas, não tendo em consideração outros passos importantes no planeamento, predominando, por isso, nas suas aulas sempre a mesma função didáctica (Olímpio Bento, 1998).

É por esse motivo que o planeamento da unidade didáctica não deve centrar-se unicamente na matéria, mas também no desenvolvimento da personalidade dos alunos, levando-os a compreender as funções principais de cada aula. Ele deve adequar os exercícios à idade, às qualidades físicas e possibilidades de aprendizagem dos alunos, já que estes não se encontram todos no mesmo estágio de desenvolvimento ou de aprendizagem motora.

Januário (1984), refere cinco etapas que os professores devem ter em conta na construção de uma unidade didáctica:

**1) Formulação de objectivos comportamentais terminais** – Em primeiro lugar os professores têm de estabelecer um plano que contenha as metas a atingir. Assim, a formulação das competências terminais da unidade didáctica devem estar relacionadas com os objectivos específicos da Educação Física, que constituem o elemento que direcciona o ensino e a aprendizagem;

**2) Estruturação de conteúdos** – Para a construção da unidade didáctica, há que partir da definição dos objectivos terminais e seleccionar, por prioridades, as matérias e os objectos de ensino. É necessário que sejam analisadas as tarefas de aprendizagem, com a conseqüente melhoria das suas competências motoras;

**3) Mobilização e disposição dos recursos** – Na elaboração da unidade didáctica torna-se necessário que o professor maximize os espaços e os materiais disponíveis. A repartição dos espaços e instalações disponíveis, não esquecendo a possibilidade da utilização de recintos da comunidade exteriores à escola, é uma tarefa imprescindível para o funcionamento escolar. É necessário que ele tenha em consideração que tem de gerir os recursos necessários para as actividades, nunca esquecendo que trabalha sozinho;

**4) Avaliação** – Um outro aspecto que devemos ter em conta é a avaliação. A avaliação pedagógica tem várias funções e, é habitualmente confundida com classificação. Para que o ensino da unidade didáctica seja eficaz, que promova aprendizagens superiores, as decisões que o professor toma devem basear-se em informações correctas sobre a realidade do processo de ensino- -aprendizagem. Piéron (1988), refere que a avaliação deve ser efectuada com regularidade, de forma a permitir ao aluno acompanhar o seu progresso à medida que vai avançando na unidade didáctica. Segundo Januário (1984), podemos categorizar as decisões de avaliação pedagógica em relação à unidade didáctica em três tipos:

**a) Avaliação Inicial** – Esta deve constituir a identificação dos pré-requisitos para a aprendizagem. O ritmo e o grau das aprendizagens dependem em grande parte do domínio das aprendizagens consideradas imprescindíveis para a aquisição de novos conteúdos. Desta forma, torna-se imprescindível conhecer as características dos nossos alunos, pois quando a sequência das várias tarefas de aprendizagem não levam em conta o domínio das anteriores, cada vez menos alunos atingem graus elevados na aprendizagem em causa;

**b) Avaliação de Processo** – São as informações necessárias para o controlo correctivo do processo de ensino-aprendizagem. Para tal, é primordial que as tarefas de aprendizagem da unidade didáctica sejam estruturadas e sequenciadas;

c) **Avaliação Final** – Não se trata de uma classificação final dos alunos, mas sim, de tentar saber se os objectivos da unidade didáctica foram adequados, se os conteúdos estavam ajustados ao nível motor dos alunos, se as estratégias de ensino foram as melhores e se as metas terminais foram atingidas.

**5) Estratégia Geral** – Esta última etapa tem como objectivo fornecer informações sobre a organização e a abordagem da unidade didáctica. O professor necessita de organizar a turma de acordo com as características de participação na aula e em função das actividades físicas a realizar, e deve antecipar problemas relacionados com a disciplina e organização, para poder preveni-los.

Para a turma do 8º2 as Unidades Didácticas foram elaboradas, tendo como base os conteúdos contemplados nos Programas do Ensino Básico, as orientações do Departamento de Educação Física, o número de aulas estabelecido para a leccionação das mesmas e as condições espaciais. Sempre que a avaliação diagnóstica de uma modalidade era realizada, as estratégias e os objectivos estabelecidos nas Unidades Didácticas iam sendo adaptadas, de forma a garantir que o processo ensino-aprendizagem fosse o mais eficaz possível e ao encontro das necessidades dos alunos.

Todas as Unidade Didácticas seguiram uma estrutura prática e facilitadora da acção pedagógica ao longo de todo o ano, na perspectiva de servir como um manual orientador onde incluía as diversas partes do ensino-aprendizagem num todo coerente.

### **2.2.1.3. Planos de aula**

Segundo Olímpio Bento (1998), “a aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor.” Matos (1992), refere que o plano de aula deve conter a organização das situações de aprendizagem, de um modo coerente, incorporando as decisões tomadas, tendo em conta os alunos e a matéria de

ensino, com as suas potencialidades educativas no cumprimento das exigências didáctico metodológicas fundamentais. Antes do início da sessão, o professor já deve possuir um projecto da forma como ela deve ocorrer, constituído por decisões fundamentais, tais como a definição clara dos objectivos gerais e intermédios, a escolha e a ordem das actividades e dos métodos, quais os pontos fulcrais da aula, quais as principais tarefas didácticas, que estratégias utilizar para motivar os alunos, formações e repartição dos postos de trabalho a privilegiar, etc. Só assim, é possível realizar um trabalho sistemático, regular e consciente de educação e formação.

Devido ao carácter exclusivo das aulas de Educação Física, é necessário também que o professor tenha em consideração as condições climatéricas, bem como o estado e número de instalações, de locais e materiais desportivos.

Segundo Matos (1992) in Gomes et Matos (1992), Piéron (1992) e Olímpio Bento (1998), existe um conjunto de exigências didácticas elementares que o professor deve respeitar na preparação das suas aulas:

- Garantir um elevado tempo de empenhamento motor por parte dos alunos;
- Motivar e estimular os alunos, de modo a que tenham uma atitude activa e crítica em relação a si mesmos;
- Apresentar os objectivos de uma forma clara e motivante, indicando apenas o essencial, para que os alunos não se percam com coisas superficiais;

- Estabelecer uma boa relação com os alunos, com o intuito de criar um clima positivo na aula e promover uma boa atmosfera de trabalho;
- Conceder bastante tempo à exercitação e também um espaço para o controlo e avaliação em todas as aulas, tendo em conta que cada aluno tem um ritmo biológico diferente e que por isso deve ter um ensino individualizado.

No que concerne à estrutura da aula de Educação Física a grande maioria dos autores, tais como Matos (1992) in Gomes & Matos (1992), Piéron (1992), Ferreira (1994), Rodrigues (1994) e Olímpio Bento (1998), é da opinião que esta divide-se em três partes, sendo elas:

**a) Parte Inicial ou Preparatória** – De acordo com Ferreira (1994), esta parte da aula visa preparar o indivíduo para o trabalho que se irá desenvolver, de acordo com o objectivo principal desta, estipulado sobretudo do ponto de vista funcional. Piéron (1992), Rodrigues (1994) e Olímpio Bento (1998), acrescentam ainda que esta parte se divide em duas fases. Primeiro é a fase que precede a entrada dos alunos no local da aula e é ocupada, por parte do professor, com rotinas administrativas, relações afectuosas com os alunos, recordação de regras de comportamento e distribuição de algumas tarefas relativamente à colocação de material no espaço de aula. Ainda nesta parte, o professor deverá apresentar a matéria aos alunos, enunciar os objectivos gerais e específicos da aula, o conteúdo, o modo de organização da mesma e ainda motivar os alunos para a prática. A outra parte consiste na apresentação da aula e na realização de acções motoras, realizando uma preparação funcional do organismo para as cargas seguintes. Segundo Olímpio Bento (1998), a duração desta parte ronda normalmente entre os 8 a 12 minutos.

**b) Parte Principal ou Fundamental** – Segundo Rodrigues (1994), esta parte da sessão visa atingir os objectivos operacionais definidos para a mesma, sendo por isso considerada a parte mais importante da sessão. Por essa razão é que é durante esta parte que é efectuado a maioria do trabalho que corresponde ao objectivo principal da aula (Ferreira, 1994). Já Piéron (1992), afirma que nesta parte o professor deve ter em consideração que a capacidade de trabalho com a atenção dos alunos se mantém durante

curtos períodos de tempo. Desta forma, ele deverá propor as actividades mais complexas e os novos gestos técnicos no início desta parte. Segundo Olímpio Bento (1998), a duração desta parte ronda normalmente os 25 minutos.

**c) Parte Final ou de Encerramento** – Nesta parte há que reduzir progressivamente o trabalho para permitir que o organismo volte a um estado tão próximo quanto possível do estado inicial, bem como criar-lhe condições para todo o processo de recuperação que se irá processar (Ferreira, 1994). Assim sendo, o professor deverá propor a realização de exercícios de relaxamento e estiramento, de modo a que se verifique o retorno à calma. De acordo com Olímpio Bento (1998), o professor deverá ainda proceder a um balanço, onde realiza uma avaliação da sessão, do que correu bem e mal e faz uma ligação com as aulas seguintes. Para além disso, o professor poderá também proceder a uma estimulação dos sentimentos e emoções de prazer e bem-estar nos alunos. Segundo Olímpio Bento (1998), a duração desta parte ronda normalmente os 5 minutos.

No que diz respeito aos planos de aula por mim elaborados, foram grandes as minhas preocupações em seguir algumas linhas orientadoras dos autores acima referidos, visto ter considerado este ponto fulcral para o bom funcionamento das aulas e para que a aprendizagem decorresse de forma eficiente e com sucesso. As maiorias dos planos de aula mostraram-se eficazes e, quando tal não sucedia na totalidade, era feita uma reflexão com o objectivo de, nas aulas seguintes, melhorar a minha prestação.



### 2.2.2. Realização

Neste ponto, passo a referir alguns aspectos que tive em consideração relativamente às estratégias de intervenção pedagógica utilizadas na prática das minhas aulas.

Para descrever as estratégias de intervenção pedagógica por mim utilizadas, procurei seguir uma estrutura delineada por Lino e Pascoal (2002), nomeadamente:

**Informação inicial** – tentei sempre comunicar a informação de forma sucinta, focada nos objectivos, nas situações de aprendizagem, na estrutura e na organização da aula, fazendo uma relação com as aprendizagens anteriores, e verificando se os alunos tinham compreendido. Para isso, tentei não consumir demasiado tempo da aula, privilegiei o questionamento como método de ensino, procurei começar a aula no horário, utilizando a contagem dos alunos de forma a economizar a verificação das presenças, fazendo apenas a anotação dos alunos faltosos no final da aula.

**Instrução** – refere-se à informação que o professor transmite aos alunos sobre as matérias de Ensino. Para isso, identifiquei o contexto, defini os objectivos, apresentei as tarefas tendo o cuidado de demonstrar cuidadosamente e questionei se os alunos tinham percebido. Relativamente a este aspecto, tive sempre o cuidado de posicionar-me de forma que todos os alunos pudessem ver e ouvir, e muitas vezes utilizei os alunos para exemplificar o que pretendia.

**Organização** – diz respeito à gestão na formação de grupos, na transição e circulação dos alunos nas situações de aprendizagem, na distribuição e arrumação do material, e nos momentos de interrupção e início de actividades. Embora este fosse o aspecto em que senti maiores dificuldades aquando das minhas aulas, procurei sempre consumir o menor tempo de aula com aspectos organizativos, utilizando algumas estratégias que passo a referir: para diminuir o tempo de transição optamos pela contagem decrescente a partir do número dez, e defini do início das aulas, rotinas de formação, ou seja, distribuição dos alunos/grupos no espaço/área de aula. Os grupos trazia feitos de casa de uma forma equilibrada, sendo estes afixados na parede no início da aula seguido da distribuição dos coletes aos mesmos.

**Controlo da actividade dos alunos** – tem a ver com a forma como o professor obtém um bom clima e segurança da aula, obtendo elevados índices de envolvimento dos alunos nas actividades das aulas. Assim, as estratégias utilizadas em relação a este aspecto foram no estabelecimento de regras claras no início das aulas e usar estratégias de castigo específicas e eficazes.

**Diagnóstico e prescrição da actividade de aprendizagem** – refere-se ao acompanhamento da actividade dos alunos, reagindo à sua prestação e mantendo-os informados do seu desempenho, prescrevendo acções e estratégias de superação às dificuldades pretendendo atingir os objectivos propostos. Neste sentido, procurei aumentar e diversificar o “*feedback*” pedagógico, acompanhando a prática dos alunos, seguindo-se na utilização de um “*feedback*” pertinente.

**Conclusão da aula** – procurei consolidar a matéria fazendo uma revisão, informando aos alunos das dificuldades encontradas face aos objectivos, e estabeleci uma ligação com as aprendizagens seguintes.

No controlo da aula, procurei sempre utilizar técnicas de aumentar o bom comportamento, tornando claro as regras da aula (curtas e directas ao assunto), procurando motivar o comportamento apropriado dos alunos com interacções positivas. Sempre que ocorreram comportamentos inapropriados, utilizei interacções verbais dissuasivas (repreensões) claras e directas, e colocadas imediatamente ao ocorrido. Se o aluno continuasse a ter esses comportamentos inapropriados, recorri a castigos específicos, nomeadamente, correr durante alguns minutos de forma que pudesse reflectir a sua conduta na aula, e em último recurso, utilizava a estratégia de mandar o aluno se sentar e preencher um relatório da aula que contava para a avaliação.

Outras destrezas técnicas de ensino tidas em conta foram:

- ✓ Garantir a segurança dos alunos;
- ✓ Comunicar informação sem consumir tempo de aula;

- ✓ Planear com cuidado as demonstrações;
- ✓ Diminuir o tempo passado em explicações na aula;
- ✓ Acompanhar a prática consequente ao “feedback”;
- ✓ Aperfeiçoar o “feedback” pedagógico;
- ✓ Aumentar/diversificar o “feedback” a prática dos alunos;
- ✓ Utilizar os alunos como agentes de ensino;
- ✓ Garantir a qualidade e a pertinência da informação;
- ✓ Utilizar o questionamento como método de ensino.

No que concerne ao clima da aula, sempre que possível, tentei ser consistente nas interações humanas entre o professor-aluno, interagindo face aos comportamentos mais significativos dos alunos à tarefa.

Nas minhas intervenções, procurei cumprir os seguintes aspectos:

- ✓ Controlar a actividade inicial;
- ✓ Começar a aula à hora pré-determinada;
- ✓ Usar um processo económico de verificar as presenças e na recolha e arrumação de material necessário para a aula;
- ✓ Definir os sinais de atenção;
- ✓ Utilizar elevados índices de feedback e de interações positivas.

Durante as aulas e gestão do fluxo das actividades tive em conta:

- ✓ Controlar mais de uma actividade ao mesmo tempo;
- ✓ Adoptar intervenções rápidas e eficazes;
- ✓ Dividir dos alunos nas tarefas.

Ao nível da supervisão da prática dos alunos tentei sempre que possível:

- ✓ Ter uma visão global da actividade motora;
- ✓ Aperceber-se da qualidade da prestação motora (individual/colectiva);
- ✓ Aperceber-se do empenhamento dos alunos relativamente às tarefas (graus de motivação/atitude).

Para isso, utilizei algumas estratégias que passamos a referir:

- ✓ Coloquei-me de forma a ter o maior número possível de alunos no meu campo visual, ou seja, disposição dos alunos em “meia-lua”;
- ✓ Desloquei-me tendo em conta a imprevisibilidade, mantendo o maior campo de visão possível;
- ✓ Informação sobre a qualidade da prestação e encorajamentos;
- ✓ Dinamização das relações de inter-ajuda para que os alunos possam ultrapassar alguma resistência em relação a tarefas mais complexas (criação de um clima de confiança nos ajudantes e nos executantes).

Acreditamos que não somos os únicos agentes de ensino. Por isso, em algumas das minhas aulas fomentei actividades nas quais os alunos poderiam ter responsabilidades de ensinar ou fazer parte do processo de ensino/aprendizagem.

Sendo assim, em algumas aulas procuramos delegar funções do professor a alguns alunos, estando estes sob o meu controlo. Essas funções passaram pela organização da classe, demonstrações e ajudas.

Procurei que nas demonstrações/exemplificações da tarefa/exercício, quer por mim quer pelos alunos, fossem visíveis e compreendidas pelos alunos.

Uma estratégia utilizada na Matéria de Ensino de Ginástica Acrobática, foi na utilização de suporte papel, durante a realização do próprio exercício.

Procurei, nas minhas aulas, antes das actividades/tarefas/exercícios, identificar “o *quê fazer*”, “o *porquê*”, o “*como e onde fazer*”, e as componentes críticas ou critérios de êxito da acção ou tarefa.

Assim, dependendo do contexto e objectivos, a prática lectiva foi organizada segundo Lino e Pascoal (2002) em:

- ✓ Estações simples/tarefa única (alunos realizam uma só tarefa apresentada pelo professor);
- ✓ Estações simples/tarefas múltiplas (os alunos realizam duas ou mais tarefas em sequencia no mesmo local com o mesmo material);
- ✓ Estações múltiplas/tarefas únicas (os alunos realizam uma única tarefa em estações diferentes);
- ✓ Estações múltiplas/tarefas múltiplas (os alunos realizam mais do que uma tarefa em estações diferentes).

A escolha do tipo de estações a operacionalizar nas aulas, teve em conta aos objectivos da aula e ao nível dos alunos, adequando pelas diferentes estações sempre que necessário de modo a reter e adquirir maiores ganhos no processo de aprendizagem.

De uma forma geral, foram organizados por estações simples, quando pretendi ter uma maior controlo dos alunos e melhor evidenciar as dificuldades destes. A organização por estações múltiplas, recorri quando os alunos já dominavam um conjunto de conteúdos e pretendíamos que adaptassem e melhorassem a sua prestação em várias situações e contextos.

Para a minha planificação do ensino, tive em consideração às condições iniciais susceptíveis de modificar o processo de aprendizagem, segundo Barreiros (1992), tais como: as **condições espaciais**, ou seja, quais os espaços onde desenvolve a prática lectiva e que condições apresentam; as **condições temporais**, isto é, ao tempo de realização; as **condições instrumentais**, referente as características físicas e instrumentos utilizados; e as **condições humanas**, no que concerne às interacções directas e implícitas à prática, e indirectas ou ocasionais.

Passarei por fazer uma breve descrição, em relação às condições acima mencionadas. No meu caso, em relação às **condições espaciais**, passei em todos os recintos desportivos existentes na escola, nomeadamente, pelo polidesportivo, pela pista de atletismo, pelo ginásio 1, ginásio 2, pelo pavilhão e pela piscina.

Nestes espaços, tive que adaptar a minha intervenção face às características existentes, ou seja, no polidesportivo, a minha colocação de voz teve que ser muitas vezes mais alta, uma vez que o espaço é aberto, a posição no campo alterava-se relativamente a posição do sol, ou seja, sempre que possível, estava virado para o sol quando tinha que dar alguma informação, e em relação à bancada ou passagem dos alunos, isto é, os alunos. Nesta instalação, também pude verificar, a necessidade dos alunos beber água durante a aula, uma vez que estavam expostos à luz solar.

No que concerne ao ginásio desta escola, verificamos que devido às regras definidas pela escola na utilização deste recinto, os alunos tinham que fazer a prática descalços ou de meias. Relativamente às ME de ginástica (aparelhos, rítmica e acrobática), não trouxe muitas limitações uma vez que os alunos deslocavam-se na maior parte da aula, sobre os colchões. Ainda neste espaço e atendendo às suas dimensões, tive que estruturar os exercícios/tarefas em espaços reduzidos, utilizando várias estações e/ou circuitos nas ME de ginástica.

A minha intervenção nas Piscinas Municipais de Celas (piscina de 25m), tive que ter em atenção a colocação de voz, como também, optei em grande das minhas intervenções, utilizar a linguagem gestual, nomeadamente, a dar correcções à prestação do aluno quando este estavam afastado do professor, ou simplesmente dar um “*feedback*” positivo, como por exemplo, mostrar a mão fechada com o polegar para cima a indicar que estava a realizar bem o exercício. Esta última estratégia, foi utilizada normalmente quando os alunos repousavam alguns segundos após terem realizado os vinte e cinco metros e/ou encontravam-se no lado contrário da piscina ao professor.

Relativamente às **condições temporais** da prática lectiva, regeu-se pela carga horária lectiva e que se encontra distribuída como refere o Quadro 1.

Quadro 1 – Condições temporais da prática lectiva

<b>Terças - Feiras</b>	<b>Quintas - Feiras</b>
45 min das 10h20 às 11h50	90 min das 12h05 às 12h50

Reconheço que as aulas de noventa minutos, os alunos tinham maior tempo de prática nos diferentes exercícios propostos, foi privilegiado um maior tempo dentro nas tarefas, como também, era proposto um maior número de tarefas para alcançarem o mesmo objectivo ou objectivos semelhantes, ou seja, para um mesmo conteúdo, vivenciavam em diferentes situações. É ainda de referir, que se verificava nestas aulas, um maior ganho na aquisição de competências dos alunos. Comparativamente às aulas de quarenta e cinco minutos, o tempo disponível para a prática resumia-se sensivelmente para trinta e cinco minutos.

De acordo com as **condições instrumentais**, será de mencionar que optei por ter sempre uma conduta igual nas diferentes ME abordadas, e que foi, na preservação de todo o material utilizado. Foi-me enriquecedor trabalhar com os vários instrumentos/materiais existentes uma vez que esta escola apresenta uma boa diversidade de espaços e materiais disponíveis para a prática da Educação Física.

Em relação **às condições humanas**, nas maioria das minhas aulas contabilizava a presença vinte e oito alunos, do orientador e colegas de estágio. Em relação às auxiliares de ensino nas instalações desportivas, estas, apenas colaboravam na entrega do material didáctico solicitado, como também, na aceitação deste por parte dos alunos.

### **2.2.3. Avaliação**

A avaliação é definida como *“um processo sistemático de determinar a extensão em que os objectivos educacionais foram alcançados pelos alunos”* e tem como principal finalidade *“melhorar o ensino e a aprendizagem”* (Domingos, Neves, & Galhardo, 1987).

Aranha (2005) menciona que a avaliação refere-se *“à recolha de informações necessárias para um (mais) correcto desempenho. É um regulador por excelência de todo o processo ensino-aprendizagem”*.

A avaliação é um processo na qual permite identificar problemas e resolvê-los de acordo com as necessidades e o contexto envolventes, facilita a tomada de decisões,

permitindo implementar as opções mais adequadas, ajustar as actividades no sentido de se caminhar para a eficácia pedagógica e para o sucesso escolar (Aranha, 2005).

O processo de avaliação desta unidade de ensino teve em consideração 5 questões (ver quadro 2)

**Quadro 2** – Questões a considerar no processo de avaliação, segundo Aranha (2005)

A quem?	Objecto de Avaliação
O quê?	Parâmetros de avaliação
Como?	Critérios de avaliação
Porquê?	Coerência das opções tomadas, ou seja, medir o que (realmente) se pretende avaliar
Que resultados?	Sucesso conseguido – relação entre as opções tomadas e o resultado alcançado.

Assim, a minha intervenção pretendeu seguir as três grandes áreas de avaliação específicas da Educação Física, definidas no PNEF, nomeadamente:

- a) Actividades Físicas (Matérias de Ensino);
- b) Aptidão Física;
- c) Conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção da aptidão física e à interpretação e participação nas estruturas, fenómenos sociais no seio das quais se realizam as actividades físicas.

Utilizei diferentes “*modalidades de avaliação, atendendo o que se pretenda*” (Pieron, 1998).

Deste modo, posso dizer que a avaliação foi criterial, uma vez que resultou da comparação das respostas dos alunos nos três domínios (*cognitivo, psicomotor e sócio-afectivo*), procurando respeitar com vários critérios de êxito definidos em cada ME, normalmente nas aulas, indicava sempre três ou mais. E ainda posso dizer que foi normativa, quando comparava as prestações dos alunos entre si.

Nas avaliações diagnóstica e sumativa, utilizei algumas escalas de classificação, definidas pelo grupo de estágio, para avaliarmos o nível de desempenho dos alunos em relação os conteúdos seleccionados/abordados.

A avaliação formativa decorreu durante o processo de ensino-aprendizagem em relação aos objectos de estudo que estavam a ser trabalhados e tem como objectivo



regular, informar no decorrer do próprio processo e fornecer eventuais indicações, “feedbacks” (Aranha, 2005).

As observações foram algumas vezes traduzidas por registos de incidentes ocasionais nos planos de aula, permitindo assim, fundamentar alguma da avaliação formativa.

Como refere no PNEF do 3º ciclo, a minha primeira etapa de trabalho consistiu na realização de uma “avaliação inicial” com o objectivo de diagnosticar “*as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias*” e classificar de um modo geral a turma segundo os diferentes níveis mencionados no PNEF, nomeadamente, “*na especificação de cada matéria do programa em três níveis – introdutório, elementar e avançado*”, o que depois me possibilitou prognosticar o desenvolvimento e o percurso a seguir.

As avaliações das ME foram realizadas, aquando estas foram leccionadas, ou seja, tenho em conta a planificação anual definida no início do ano lectivo.

A avaliação foi normativa, quando tive que comparar as prestações dos alunos entre si no final de cada período lectivo, de modo realizar a classificação final dos alunos.

Na avaliação formativa contemplei aspectos relativos aos domínios sócio-afectivo (responsabilidade, motivação, cooperação, empenho), que se reflectem no comportamento do aluno em termos da pontualidade, respeito, assiduidade e participação nas aulas. Avaliei ainda parâmetros do domínio cognitivo (conhecimento das regras de segurança, do equipamento e material e das componentes críticas dos vários gestos), por meio do questionamento no decurso das aulas. O registo destes últimos domínios foi feito por observação directa dos comportamentos dos alunos durante as aulas e registado em grelha própria.

#### **2.2.4. Componente ético-profissional**

No que concerne a esta componente, eu juntamente com os meus colegas de estágio procuramos sempre um sentido de responsabilidade congruente e que fosse sempre ao encontro das nossas expectativas pessoais e profissionais.

Desde a primeira reunião com o nosso orientador, ficaram esclarecidos os nossos deveres e direitos enquanto estagiários, aos quais foram cumpridos na sua plenitude fazendo dos mesmos o meu ponto de partida para cada decisão de planeamento ou de acção directa.

Apesar de não desempenhar outras funções para além do estágio pedagógico, todo o meu tempo foi dedicado a este, cumprindo com sucesso todas as minhas funções enquanto estagiário. Não necessitei de faltar a reuniões, aulas ou sessões de trabalho do estágio, estando sempre disponível para ajudar os meus colegas e os demais elementos do corpo de docentes que constituiu o grupo de Educação Física.

Pretendi sempre apresentar uma postura e atitude positiva face aos problemas que me foram apresentados, tentando ser parte da solução e não de mais um impedimento.

Mostrei-me sempre disponível para com os meus colegas, ajudando-lhes sempre nas suas solicitações, dando-lhes os meus feedbacks em relação a todos os processos didáticos e pedagógicos que observei.

No que diz respeito à minha relação com o orientador, esta foi muito positiva, tendo sempre em consideração os vastos conhecimentos que tem, a sua experiência quer profissional quer pessoal, os seus pontos de vista, etc. Foi muito importante a sua ajuda em vários momentos, nomeadamente na elaboração e implementação dos projectos respeitantes à cadeira de projectos e parcerias, na transmissão de conhecimentos relacionados com estratégias/ actividades a desenvolver nas diferentes unidades didáticas visando uma facilitação da transmissão de conteúdos.

No que diz respeito à minha relação com os alunos, esta foi igualmente bastante positiva. Cedo-me apercebi que facilmente lhes iria incutir um espírito de trabalho saudável e responsável, pelo que a motivação e empenho mostrados ao longo do ano lectivo foi por demais evidente, e fruto disso são as avaliações finais da turma.

Não obstante, chego ao final do estágio com a consciência do dever realizado neste âmbito.

### **2.3. Justificação das Opções Tomadas**

Neste ponto pretendo justificar todas as opções por mim tomadas ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, analisando todos os métodos aplicados, as decisões de planeamento e processos de ensino.

Em todas as aulas procurei sempre envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem, através da realização de várias tarefas práticas, quer em grupo, quer individualmente. Assim, em modalidades como o andebol, basquetebol e rugby, procurei sempre tarefas próximas do jogo, privilegiando sempre as formas de jogo

reduzido, pois aumentavam o tempo de empenhamento motor dos alunos, assim como o tempo potencial de aprendizagem.

Um outro elemento central da aprendizagem, foi a exercitação, pois considerava que sem repetição não há aprendizagem.

Sempre que foi possível, optei por jogos lúdicos no aquecimento, pois considerava que os jogos lúdicos, específicos aos conteúdos da aula, permitiam uma familiarização com esses conteúdos e constituíam igualmente um factor motivacional. Contudo, nem sempre foi possível aplicar em todas as aulas, pois os alunos ficavam muito agitados no aquecimento, desconcentrando-se na parte final da aula.

No que concerne à estrutura das aulas, estabeleci sempre três momentos: parte inicial, onde normalmente era comunicado os conteúdos e objectivos a abordar, estabelecendo sempre que possível uma ligação com os conteúdos abordados na aula anterior, como forma de cativar a motivação e empenho dos alunos das tarefas da aula; parte fundamental, onde na instrução para cada tarefa eram fornecidos aos alunos os critérios de êxito, essenciais ao sucesso na tarefa, estando sempre atento às suas práticas e fornecendo sempre os devidos feedbacks; e parte final, onde era realizado o balanço oportuno da aula, revendo a matéria abordada, referindo os aspectos que correram mal e que podem ser melhorados, como forma de motivar os alunos para as aulas seguintes.

Os estilos de ensino por mim adoptados foram maioritariamente o ensino por comando e por tarefa. O estilo de ensino por comando garantia-me um maior controlo sob a turma e possibilitava aos alunos um maior tempo de empenhamento motor. Por sua vez, o estilo de ensino por tarefa era mais utilizado nas aulas de ginástica em que estas funcionavam por estações, permitia uma certa independência dos alunos, o que em alguns casos reduzia o tempo de empenhamento motor dos alunos e impossibilitava-me o controlo da turma.

Para aqueles alunos que não realizavam as aulas práticas, realizavam tarefas alternativas, tais preparação e recolha do material ou realizavam um relatório da aula. Isto com o intuito de envolve-los na aula ao participarem de forma activa nas tarefas, ou obrigando-os a estar atentos às instruções do professor para realizarem com sucesso o relatório da aula.

### **3. Reflexão**

#### **3.1. Ensino aprendizagem**

##### **3.1.1. Aprendizagens realizadas como estagiário**

O Estágio Pedagógico foi deveras enriquecedor na minha formação como futuro professor. Revelou-se numa oportunidade de experienciar o processo de ensino-aprendizagem na prática lectiva em contextos reais, traduzindo-se numa panóplia de conhecimentos adquiridos, não só em relação às características e comportamentos dos alunos, mas também em relação ao programa e conteúdos definidos para as várias matérias a abordar no ano escolar em que se encontrava a minha turma. Fiquei ainda a conhecer melhor os outros elementos da comunidade escolar através de experiências vividas e relacionamentos estabelecidos.

No que diz respeito à elaboração do plano anual fiquei a conhecer todo o processo antecedente a este, nomeadamente a realização pelo grupo de Educação Física do mapa das rotações pelos espaços, posteriormente entregue a cada professor com os espaços atribuídos às suas turmas ao longo de todo o ano lectivo. Posto isto, segue-se uma planificação anual das matérias a abordar, distribuindo estas pelos devidos espaços de forma equilibrada.

Aprendi que tenho de dominar todas as dimensões da intervenção pedagógica para melhor organizar o ensino de maneira a conseguir os mais elevados resultados nas aprendizagens dos alunos.

Fiquei a conhecer melhor as matérias abordadas durante este estágio, pois era de extrema importância compreendê-las para que pudesse transmitir um feedback a um aluno, era imperativo que eu dominasse o que estava a ensinar, conhecendo todas as componentes críticas das tarefas que prescrevia, pois só assim poderia intervir após cada prestação do aluno.

No que concerne aos planos de aula, passei apenas a descrever os objectivos exactamente pretendidos e descrevendo os gestos técnicos com as componentes críticas de forma sucinta de modo a que as pudesse usar também como feedback às prestações dos alunos. Ainda nesta linha de raciocínio, é intolerável ir para uma aula propor tarefas aos alunos para que estes apenas as façam, estas devem de constar no plano de aula numa sequência lógica com as devidas progressões pedagógicas e adequadas às necessidades e capacidades motoras dos alunos, com critério de êxito bem definidos e capazes de levar o aluno ao sucesso na tarefa. Só depois de aglutinar todo este conhecimento é que me senti competente para realizar planos de aula com uma

descrição mais sucinta e pertinente sobre os conteúdos, objectivos, componentes críticas e critérios de êxito passíveis de uma boa exequibilidade prática.

Aquando da instrução passei a reconhecer a importância dos questionamentos aos alunos. Os questionamentos envolviam o aluno activamente na aula, estimulavam e desenvolviam a sua capacidade de reflexão e também permitiam-me verificar a assimilação dos conteúdos abordados.

No que toca aos feedbacks, deparei-me e reconheci a importância destes na aprendizagem dos alunos. O feedback pedagógico, à semelhança do tempo de empenhamento motor, é também considerado um factor fulcral para o sucesso do ensino. Uma vez que o feedback é utilizado para ajudar o aluno a superar as suas dificuldades, por isso, após cada informação de retorno por mim emitida, exigia que eu acompanhasse a actividade que o aluno desenvolvia após ter recebido o feedback. Inicialmente não me importava com o este devido acompanhamento.

No fundo, passei a perceber a importância do fornecimento de feedbacks quando estes são pertinentes e ajustados ao momento e ao objectivo a que se propõem.

### **3.1.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos**

De acordo com a sociedade dinâmica actual, pretendemos formar um aluno capaz de se desenvolver e adaptar-se constantemente, utilizando o ensino como meio, para a prossecução objectivos específicos da Educação Física com vista alcançar os objectivos gerais da educação (Piéron, 1998).

Sendo assim, no processo ensino-aprendizagem tive como referência os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo mencionadas no Currículo Nacional, como também, sustentou num conjunto de valores e princípios que a Educação Básica pretende alcançar, como por exemplo: *na tomada de consciência pessoal e social; na participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica; no respeito e na valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções; na valorização das diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão; no desenvolvimento da curiosidade intelectual, do gosto pelo*

*saber, pelo trabalho e pelo estudo; na preservação do património natural e cultural; e nos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.*

O nosso processo de ensino/aprendizagem, para além do anteriormente referido, ainda teve em atenção, as linhas orientadoras do currículo definidas pelo grupo de educação física da escola, referente às matérias de ensino do 8º ano de escolaridade do ano lectivo 2010-2011.

Pensei que, para planear todo o processo de ensino/aprendizagem será indispensável ter uma visão global do ensino, não restringindo um pormenor do todo. Por isso, o meu processo de ensino/aprendizagem foi planeado segundo uma “*aprendizagem efectiva*” na qual implica, que a “*apreensão de conhecimentos seja unificada por um amplo esquema conceptual*”, ou seja, segundo uma perspectiva por unidades (Domingos, Neves, & Galhardo, 1987). Em traços gerais, um processo de ensino/aprendizagem que:

- ✓ Desenvolve a aprendizagem segundo um planeamento centrado no aluno;
- ✓ Desenvolve actividades de aprendizagem nas quais é orientado e ajudado pelo professor;
- ✓ Formula mais dúvidas e questões a resolver;
- ✓ Consulta livros e outros materiais;
- ✓ Caminha sucessivamente para os objectivos que irá alcançando com o decorrer da unidade, de acordo com o seu ritmo de aprendizagem.

Ainda na mesma linha de raciocínio do mesmo autor, e atendendo às características dos alunos desta escola e às dificuldades que estes apresentaram, posso dizer que o processo de ensino/aprendizagem, visou conciliar, o que o ensino pretende, os conteúdos envolvidos no processo de aprendizagem, as capacidades que se pretenda que os alunos desenvolvam, caminhando para as finalidades pretendidas e “*centrado na resolução de problemas sociais, na qual pretendemos ligar o aluno à vida real*”.

Sendo assim, posso dizer que o modelo didáctico adoptado teve como estrutura: a planificação; os objectivos; os conteúdos; as actividades e a avaliação.

Posto isto, no decorrer deste Estágio Pedagógico, foi sempre da minha preocupação o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem nos alunos no que concerne aos conteúdos inicialmente traçados para abordar em cada UD.

Todas as tarefas propostas eram totalmente direccionadas para a evolução das aprendizagens dos alunos com o intuito de estes alcançarem com sucesso os objectivos inicialmente traçados.

Para que haja uma melhor compreensão dos meus compromissos com as aprendizagens dos alunos, passo de seguida a referir algumas medidas tomadas para que esse aspecto fosse conseguido com sucesso.

Sendo assim, tudo começou com a realização das avaliações diagnósticas no início de cada UD. Estas avaliações incidiam essencialmente nos conteúdos de aprendizagem pretendidos ao longo da UD, a partir dos quais permitiram-me ter um melhor conhecimento das capacidades de execução motora dos alunos, em que de acordo com o seu nível de proficiência demonstrado pude agrupá-los em diferentes níveis de aprendizagem e assim definir aprendizagens e objectivos diferenciados para cada grupo consoante os resultados da avaliação diagnóstica. Tive sempre a preocupação em elaborar planos de aula com exercícios que fossem ao encontro das necessidades e capacidades dos alunos para que estes pudessem evoluir nas suas aprendizagens e chegarem ao final da UD num nível superior ao que se encontravam inicialmente.

Durante as aulas a minha intervenção pedagógica teve sempre como principal alvo as aprendizagens dos alunos. Para isso, tive sempre o cuidado de realizar instruções concisas, claras e objectivas, utilizando um tom de voz calmo e uma linguagem acessível e perceptível pelos alunos de modo a que estes pudessem perceber o conteúdo da mensagem transmitida. Aquando da instrução recorri a alunos com um bom domínio da matéria a abordar para que estes demonstrassem à turma os exercícios daquela aula, ao mesmo tempo eu fazia referência aos principais critérios de êxito e alertava para os principais erros daquele exercício. Com isto, desejava que os alunos visualisassem uma melhor imagem daquilo que se pretendia, ficando para isso com maiores probabilidades de evoluírem nas suas aprendizagens.

Em algumas UD, como foram os casos da Ginástica Rítmica e Ginástica Acrobática, recorri ao uso de imagens e documentos de apoio que os alunos pudessem consultar livremente e ficar com uma ideia mais clara dos gestos técnicos. Esta ideia revelou-se pertinente, exequível e traduziu-se num enorme sucesso, isto porque “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Para aqueles alunos que evidenciarem mais dificuldades ao longo das aulas, dei-lhes mais ajuda e apoio, acompanhando e intervindo sempre de um modo competente e eficaz, para isso, fornecia feedbacks individualizados e ajustados ao momento, dando continuidade ao ciclo de feedbacks enaltecendo sempre o seu empenho e os seus progressos como forma de não perderem a sua motivação pela tarefa mas também para aumentar a sua auto-estima.

Com o intuito de garantir um maior tempo de empenhamento motor, assim como um maior tempo potencial de aprendizagem dos alunos, criei sempre boas rotinas nas organizações e nas transições. Comecei no início do estágio por perder algum tempo nestas partes da aula ficando com a ideia de estar a comprometer a aprendizagem dos alunos, com isso tentei usar estratégias que combatessem isso, pois perdia algum tempo na formação dos grupos e nas transições entre exercícios. Passei por trazer os grupos formados de casa e sempre que pude trabalhei por estações para que as transições fossem mais fluentes. Em suma, todos estes ajustes em prole das aprendizagens dos alunos.

Procurei sempre manter um clima de aula agradável, mantendo um relacionamento afável para com os alunos de a modo a que estes demonstrassem um maior empenho e motivação pelas tarefas.

Tendo em conta ao que já foi referido até então, creio que o meu compromisso com as aprendizagens dos alunos foi adequado, seguindo sempre critérios lógicos, revelando-se em resultados positivos obtidos no final de cada UD.

### **3.1.3. Inovação nas práticas pedagógicas**

Muitas vezes temos de nos questionar daquilo que estamos a fazer e perguntar, para que é que aquilo serve, devemos de nos questionar das coisas, porque elas mudam ao longo dos tempos, mas no entanto há coisas que se mantêm, por isso, urge inovar. Uma aula hoje é diferente de uma aula há 16 anos atrás e, também não são as instalações que nos condicionam de as usar para outras coisas, pois só vão criticar as nossas opções após nós as justificarmos, porque a priori não vão me dizer que eu não posso dar uma aula de atletismo no ginásio da escola. Embora isto seja inovar, não foi por aqui que passaram as inovações nas minhas aulas.



Neste campo de acção, as inovações que ocorreram no decurso do meu estágio pedagógico prenderam-se substancialmente à estruturação e organização de algumas aulas em função das matérias a abordar, dos recursos espaciais e do número de alunos. Aqui, aquando das aulas de andebol não me limitei a olhar para o terreno de jogo e a ver um espaço de 40x20m, mas também via 2 espaços de 20x20m ou 4 espaços de 10x20m, isto quando, com 28 alunos pretendia rentabilizar ao máximo o espaço de jogo aumentando desta forma o tempo de empenhamento motor, bem como o tempo potencial de aprendizagem dos alunos.

No decorrer do meu estágio e aquando de uma rotação de espaço, foi-me atribuído uma parte do pavilhão, um espaço com cerca de 20x10m para abordar a matéria de basquetebol com 28 alunos. Aqui era importante perceber que em Educação Física o objectivo de organizar os alunos, o espaço e as suas relações com o tempo visavam criar condições para uma aprendizagem eficiente, sendo que recorrer à inovação apontava juntar tudo isto num todo em prole de garantir um maior tempo de empenhamento motor e conseqüente tempo potencial de aprendizagem dos alunos. Sendo assim decidi neste curto espaço trabalhar por estações múltiplas – tarefa única, os alunos realizavam uma única tarefa em estações diferentes.

O estilo de ensino por comando foi o estilo mais utilizado nas minhas aulas, isto porque promove uma aprendizagem exacta das tarefas num curto período de tempo, sendo todas as decisões tomadas pelo professor. O aluno terá que seguir as ordens do professor e desempenhar a tarefa quando e como descrita. Em suma, neste estilo de ensino um modelo previamente apresentado é replicado, o que leva o aluno a ser reprodutor. Mas também, em algumas aulas inverteram-se os papéis e os alunos passaram a ser os produtores. Foram nas matérias de ginástica rítmica e ginástica acrobática que foi adoptado um estilo de ensino com auto-avaliação onde os alunos produziam as suas próprias tarefas (coreografias) e de um modo “privado” dando feedbacks a eles próprios com base em critérios de êxito desenvolvidos pelo professor. É um estilo de ensino algo inovador, pois leva a que os alunos sejam produtores nas aulas, afastando-se um pouco do estilo de ensino por comando maioritariamente adoptado ao longo do ano lectivo e que fazia dos alunos reprodutores.

Pessoalmente gostaria de ter adoptado mais estilos de ensino do decurso do Estágio Pedagógico como forma de inovar o ensino, porém, dadas as características da turma, achei que o estilo de ensino por comando garantia-me que os objectivos das aulas eram alcançados com sucesso e não comprometiam as aprendizagens dos alunos.

### **3.2. Dificuldades sentidas e formas de resolução**

De um modo geral creio que a minha prestação neste estágio pedagógico foi deveras positiva, contudo não posso deixar de evidenciar algumas dificuldades com que me deparei no decurso do mesmo, nas quais procurei sempre superá-las em prole não só da minha formação e evolução pessoal mas também como forma de garantir um bom ensino-aprendizagem.

Inicialmente tive dificuldades em praticamente todas as dimensões da intervenção pedagógica, sendo que, primeiro teria de dominar a dimensão disciplina para posteriormente garantir um maior domínio sobre as restantes dimensões. A partir do momento em que consegui o controlo da turma passei a ter uma intervenção mais activa, fornecendo mais feedbacks, garantindo melhores começos de aulas, aulas com melhores organizações, transições rápidas e fluentes e conclusões de aulas mais calmas onde passou a ser possível fazer os balanços oportunos das mesmas.

No capítulo da instrução, e no que concerne à informação inicial – Comecei as aulas no horário previsto; revelo uma razoável capacidade de comunicação e domínio dos conteúdos, informando os alunos dos objectivos e principais tarefas da aula procurando não perder tempo. Posso ainda melhorar, na tarefa de relacionar a aula com as anteriores, e por vezes em algumas colocações de modo a ter sempre todos os alunos no meu campo de visão. Já na condução da aula devo ter uma maior preocupação neste aspecto, visto que por vezes a minha colocação não era a mais adequada; procurei utilizar períodos curtos de informação mas ainda posso e devo variar os métodos de intervenção (demonstração, questionamento, feedback, auxiliares de ensino). Posso melhorar na extensão/ integração da matéria que está a ser abordada. No que diz respeito à qualidade do feedback, utilizei mas com pouca frequência, feedbacks positivos, descritivos, prescritivos e de reforço. Devo procurar distribuir equitativamente os feedbacks entre os diferentes alunos e verificar se este teve o efeito pretendido (ciclos de feedback). Melhorei este aspecto (frequência do ciclo de feedback e na distribuição ao grupo/ turma, bem como ao ciclo de feedback) mas ainda devo melhorar mais. Em relação à conclusão da aula, inicialmente tive dificuldades em concluí-la de uma forma serena e tranquila, dado os alunos não colaborem neste aspecto. A partir do momento que detive o controlo da turma, as conclusões de aula

foram serenas e tranquilas. Posso melhorar no balanço da actividade desenvolvida e na revisão e extensão dos conteúdos abordados, de forma a despertar os alunos para as etapas seguintes da Unidade Didáctica.

Em relação à dimensão gestão pedagógica, revelei inicialmente algumas dificuldades na capacidade de gerir o tempo de aula; no entanto com o evoluir das aulas, comecei a revelar um maior cuidado na organização da aula (material e a constituição dos grupos) e suas transições de modo a ter um maior tempo de empenhamento motor e um elevado tempo potencial de aprendizagem. Este foi outro aspecto que superei (e ainda posso melhorar mais) ao longo das aulas.

Nas organizações/ transições, revelei inicialmente dificuldades, sendo que a resolução aqui passou por procurar poucos episódios de organização e criar rotinas estruturadas para que as transições fossem mais fluentes.

Já no que toca ao Clima de Aula/ Disciplina, inicialmente revelei algumas dificuldades no controlo dos alunos; este aspecto veio a melhorar-se ao longo das aulas até conseguir um controlo pleno da turma. A forma de resolução a este problema passou, por melhorar na motivação de comportamentos apropriados com interacções positivas estimulando as atitudes de empenhamento dos alunos, realçando-os com maior frequência no decorrer da aula. Passei também a transmitir mais entusiasmo, sem nunca perder o controlo da turma.

Tive ainda dificuldades na comunicação, nomeadamente na linguagem que por vezes não era muito objectiva e clara. Tive que estruturar previamente a mensagem para que depois pudesse ter uma boa comunicação com os alunos, criando um clima de credibilidade e sempre com abordagens positivas.

### **3.3. Ética Profissional**

#### **3.3.1. Capacidade de iniciativa e responsabilidade**

Durante o ano lectivo, e dentro dos meus princípios pessoais e profissionais, assumi as minhas responsabilidades, deveres e direitos enquanto estagiário.

Para além de questões simples como pontualidade e assiduidade, procurei estabelecer um clima de trabalho e de aprendizagem saudável e harmonioso, quer no seio da minha turma de estágio, quer no seio do grupo de estágio, incluindo o orientador.

A minha capacidade de iniciativa foi tida em consideração no que diz respeito à utilização de alguns recursos diferentes dos habituais, nomeadamente recursos espaciais. Também demonstrei a minha responsabilidade na ajuda que prestei aos alunos com dificuldades em alguns conteúdos, em horários pós-lectivos e com um reconhecimento destes alunos pelo trabalho e tempo dispendido por eles.

No que concerne à responsabilidade, procurei sempre que possível auxiliar os meus colegas do departamento de Educação Física, apesar da minha ainda pouca experiência. No entanto toda a ajuda é importante em algumas actividades que envolvem um número muito grande de alunos e de recursos.

#### **3.3.2. Importância do trabalho individual e de grupo**

Todo o meu trabalho individual realizado ao longo do Estágio Pedagógico contribuiu para a minha evolução pessoal e profissional. Tudo isso só foi possível através da aquisição de saberes, conhecimentos, reflexões introspectivas acerca do meu desempenho das aulas, do saber aceitar as críticas dos professores orientadores e transformá-las em oportunidades para melhorar e evoluir. A troca de experiências com os restantes professores do grupo de Educação Física, bem como com os colegas de estágio foram também determinantes para me tornar mais competente e confiante para desempenhar o papel de professor no futuro.

Não é, nem foi uma tarefa fácil ser o “responsável” pela formação de uma pessoa. Tenho que ter a consciência que fiz o meu melhor, identificando contextos, conhecendo características, conceitos, processos, metodologias e estratégias que

permitiram adequar aos problemas reais. É daqui que nasce a importância do nosso trabalho individual na escola, o sermos responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem, o que nos faz ter o desejo de sermos proficientes. A proficiência no ensino está intrinsecamente ligada com a aquisição de conhecimentos e habilidades por parte dos alunos. Assim sendo, coube-me possuir um capital de recursos cognitivos e técnicos que me permitiram efectivar o meu objectivo. Esses recursos foram adquiridos da recolha de informação sobre as diferentes matérias a leccionar; através da consulta do Programa de Educação Física atribuído ao ano escolar da minha turma; e da selecção de exercícios/ tarefas ajustados às necessidades/ capacidades dos meus alunos.

Tenho também a plena consciência que um bom trabalho individual passa por muitas pesquisas, quer em livros, documentos, quer na internet. Todas essas pesquisas eram orientadas para o sucesso pedagógico em Educação Física, podendo agora dizer que o sucesso individual como professor nas aulas passa pelos seguintes factores: instrução, organização, clima relacional, tempo de empenhamento motor e feedback pedagógico.

Relativamente à importância do trabalho em grupo, começo por me pronunciar do trabalho efectuado durante o primeiro período juntamente com a Directora de Turma e restantes elementos do conselho de turma no âmbito da cadeira de Organização e Gestão Escolar. O meu papel neste trabalho passou por desempenhar a assessoria à directora de turma ao qual desenvolvi algumas tarefas, tais como: elaboração da caracterização da turma; retirar e justificar as faltas dos alunos, utilizando o programa de gestão de faltas instalado no computador; organização do dossier de turma. Estive ainda presente nas reuniões com os encarregados de educação e nos conselhos de turma.

Para a consecução destas tarefas mostrei sempre muita receptividade e disponibilidade em auxiliar a directora de turma, em todo o serviço que fosse necessário, mostrando-me também como uma mais valia na transmissão de informações sobre os alunos da turma, quer relativamente ao seu comportamento, quer ao aproveitamento na disciplina de Educação Física. Destaco ainda a disponibilidade e empatia demonstrada pela directora de turma, pois o papel desempenhado nesta disciplina permitiu-me obter um conhecimento mais aprofundado sobre o amplo e complexo leque de funções que um director de turma exerce na escola nos dias de hoje.

No que diz respeito à importância do trabalho de grupo, este pode verificar-se na elaboração de projectos, consequente execução e respectivo balanço. Tudo isto, respeitante às duas actividades organizadas pelo núcleo de estágio para a comunidade escolar. É ainda de referir que estas duas actividades e todo o trabalho a elas envolvente vêm no âmbito da cadeira de projectos e parcerias educativas.

Para a realização destas duas actividades (torneio de basquetebol e peddy-paper), houve desde o início uma grande vontade e ambição em juntar o grupo para preparar, planear e organizar estes eventos, sendo que, desses momentos em que trabalhamos em grupo sobressaíram-se sempre os valores de espírito de equipa, a cooperação e interacção, o que contribuiu para uma maior aquisição de competências e aprendizagens neste âmbito. Mediante a minha participação pude tomar consciência da importância que possui cada vez mais um trabalho de grupo cuja cooperação e espírito de ajuda são cruciais para superar adversidades e poder realizar eventos desta natureza, cuja a utilidade é assumida por todos na promoção da escola, dos alunos e de toda a comunidade escolar.

Tenho a plena consciência de que, o trabalho em grupo por todas as suas envolvências, são cada vez mais importantes para elevar o processo de formação pessoal e profissional dos indivíduos e proporcionar no contexto escolar progressos no desenvolvimento das aprendizagens dos alunos nas matérias leccionadas e matérias comuns desenvolvidas na escola, assim com tem um peso contributivo na sua integração e valorização enquanto intervenientes no seio da mesma.

### **3.4. Questões dilemáticas**

No que concerne às questões dilemáticas com que me deparei ao longo do estágio pedagógico, estas prenderam-se essencialmente com alguma indecisão de arriscar ou apostar em trabalhar os vários estilos de ensino, mas como os estilos por mim adoptados mantinha a turma controlada e sob rotinas favoráveis, visto que me encontrava em contexto de estágio, contudo, isso pesou nomeadamente ao nível da minha avaliação e obviamente os resultados da aprendizagem dos alunos. Posto isto, o maior dilema foi promover o ensino através de multi-matérias e utilizar estilos de ensino, nomeadamente

dos que se afastassem do poder de decisão mais centrados no professor, como Ensino por Comando e Ensino por tarefas.

Face ao primeiro dilema, resolvi optar por um ensino por unidade didáctica que é o que melhor domino e maior segurança me trouxe. Face à segunda questão, atendendo ao comportamento da turma com que trabalhei, para além dos estilos de ensino que atrás referi, apenas utilizei o Ensino por Auto-Avaliação.

### **3.5. Conclusões referentes à formação inicial**

#### **3.5.1. Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar**

Para desenvolver este ponto, vou alicerçar-me nas actividades desenvolvidas no âmbito da disciplina Projectos e Parcerias Educativas, nomeadamente, “Voa para o cesto Falcão” e “Peddy-paper – descobre a tua escola”.

O impacto que estas duas actividades tiveram no seio da comunidade escolar foi, como os resultados comprovaram bastante positivo, não só pela aceitação e participação que tiveram, mas também em relação ao feedback positivo da parte dos alunos, pelo que nós como organizadores destes eventos nos gratificamos por toda a gestão, planificação e implementação dos mesmos no contexto escolar.

Tenho a perfeita noção que a implementação de projectos desta natureza no seio escolar é deveras importante para a minha formação como docente, pois permitiu-me ter um contacto mais amplo com a realidade do contexto escolar para além das aulas e da acessória à directora de turma. Permitiu-me perceber que estas actividades só têm impacto e valor no contexto escolar se as mesmas forem de encontro à satisfação das necessidades dos alunos, pois se na primeira actividade organizamos um torneio de basquetebol pelo facto desta modalidade estar bem enraizada na escola dado o grande número de alunos federados, na segunda actividade organizamos um peddy-paper por esta ser uma sugestão dada pela maioria dos alunos aquando do inquérito do nível de satisfação da primeira actividade. Em suma, só produzimos impacto no contexto escolar quando as actividades vão ao encontro da satisfação das necessidades dos alunos, daí o elevado índice de participação dos alunos em ambas as actividades. Não posso também deixar de ressaltar a importância dos inquéritos do nível de satisfação, estes revelam-se preciosos no que concerne a dicas de actividades que produzem impacto no contexto escolar.

A realização destas duas actividades foram de extrema importância, pois permitem reforçar os laços de ligação entre os alunos e a escola e entre os alunos em si. Tornar bem evidente que uma vez mais, trabalhos desta natureza, em grupo, só são possíveis quando há cooperação e espírito de ajuda, características chave e determinantes para superar adversidades e organizar estes eventos cuja utilidade é assumida por todos.

Estas actividades acabam por revelar-se como contributivas para a formação do ser humano, no saber ser e saber estar, e que por estes factos entre outros, tenho a consciência que esta Unidade Curricular veio enriquecer e complementar em todos os aspectos a minha formação pessoal e profissional.

Outros aspectos de valorizar no impacto que o meu estágio teve no contexto escolar, que embora ainda pouco visíveis mas que não deixam de ser enaltecidos, foi o meu relacionamento com os alunos mediante a transmissão de valores e conhecimentos no decorrer das aulas, o que de certa forma traduziu-se num peso contributivo para a sua educação.

### **3.5.2. Prática pedagógica supervisionada**

A supervisão tem-se centrado fundamentalmente na *“orientação da prática pedagógica num contexto da formação inicial”*. (Alarcão & Tavares, 2007)

O mesmo autor citando Mintzberg (1995), menciona que esta, implica ter, *“uma visão de qualidade, inteligente, responsável, livre, (...), serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que passará depois, ou seja, de quem entra no processo para compreender por fora e por dentro, para o atravessar com o seu olhar e ver para além dele numa visão prospectiva baseada num pensamento estratégico”*.

O nosso papel como *“supervisor”* foi de *“alguém que se preocupa em ajudar”* os colegas estagiários a *“crescerem como professoras”*. (Alarcão & Roldão, 2008)

Sendo assim, podemos dizer que a minha supervisão pedagógica teve uma perspectiva ecológica e interactiva, na qual exigiu o *“desenvolvimento de atitudes partilhadas, identificação de objectivos comumente assumidos, planificação conjunta, co-*



*aprendizagem institucional, questionamento de ideias e de práticas e uma avaliação conjunta de produtos e processos”.*

As minhas observações concentraram-se no acto pedagógico dos professoras estagiários, considerado segundo a autora Altet (2000) citando Postic (1971), como sendo *“qualquer intervenção verbal ou não verbal do professor, com a finalidade de estabelecer a comunicação com os alunos para transmitir uma mensagem, ou para a controlar, ou ainda com o objectivo de apreciar o comportamento dos alunos, obter a modificação das suas atitudes ou exercer uma regulação das suas actividades”.*

Será de referir que todo este processo, não se baseou apenas na assistência às 31 aulas mínimas, como havia sido sugerido nas linhas programáticas deste estágio. Assisti a todas essas aulas, desde o início do ano lectivo até à última aula, fazendo parte do processo do acto pedagógico, indicando as minhas percepções, e sugerindo estratégias de forma a poder ajudar os colegas no processo de ensino-aprendizagem.

Para isso, foi concedido e recebido os planos de aula anteriores à realização da mesma, de modo a entendermos minimamente a sua intencionalidade e objectivos da aula observada.

As regras de registo utilizadas foram a frequência (número de vezes que o comportamento ocorre), a ocorrência (registo apenas se o comportamento ocorre ou não, independentemente do número de vezes que possa ocorrer) e, por último, o registo por duração de episódio, ou seja, o tempo de duração de cada comportamento que é observado. Neste contexto, o tipo de observação utilizada nas 31 aulas, foi dedutiva e sistemática, que segundo Alarcão (1996) citando Estrela (1986), é considerada como *“uma observação naturalista que recorre a instrumentos: sistemas de sinais ou de categorias, constituídos por inventários de comportamentos que assinalam à medida que vão ocorrendo”.*

De modo a haver uma maior objectividade nas nossas observações, inicialmente utilizamos uma ficha adaptada de Sarmiento et al. (1998), e para analisarmos mais especificamente algumas categorias na qual achamos mais pertinentes no acto pedagógico, usamos as fichas de registo referenciadas por Aranha (2005). A sua estruturação foi a seguinte:

- ✓ Gestão do tempo de aula na categoria tempo de empenhamento motor específico (TE), ou seja, período durante o qual os alunos executam tarefas/exercícios relacionados com os objectivos de aprendizagem;
- ✓ Comportamento do professor em algumas categorias: instrução (I); feedback (FB); organização (O); afectividade (positiva (Ap) ou negativa (An)); e intervenções verbais do aluno (IVA), ou seja, correspondem ao período durante o qual o professor ouve os alunos;
- ✓ Controlo activo da prática dos alunos, isto é, se o professor posiciona-se e desloca-se no espaço da aula de forma a ter um controlo activo da prática dos alunos;
- ✓ Pertinência e a qualidade da informação na instrução;
- ✓ Observar a prática consequente ao “*feedback*”.

Antes de iniciarmos todo este processo, realizamos um cronograma de observações entre os diferentes estagiários, respeitando as indicações das linhas programáticas deste estágio, ou seja, observamos uma aula por semana durante os três períodos.

Em suma, este trabalho permitiu-nos ter um maior conhecimento e percepção da nossa acção como professores e observadores em relação aos aspectos pedagógicos no contexto da sala de aula. Ajudou-me a ter uma atitude crítica, no sentido de colaborar para um melhor desempenho dos nossos colegas. Resumindo, acho que contribuiu para a minha formação como futuro professor.

### **3.5.3. Experiência pessoal e profissional**

Este Estágio Pedagógico foi enriquecedor na minha formação como futuro professor. Consistiu numa oportunidade de experienciar o processo de ensino-aprendizagem na prática lectiva em contextos reais.

Nesta fase final do trabalho, é minha pretensão realizar algumas considerações sobre as principais referências empíricas e teóricas citadas ao longo das actividades desenvolvidas neste estágio pedagógico, e na qual, completam este relatório. É de

referir que algumas delas já foram mencionadas em momentos anteriores neste documento, mas nunca é demais reforçar, pela sua pertinência. Assim, de uma forma geral este estágio pedagógico permitiu vivenciar as primeiras experiências como professor, acompanhado e apoiado pelos orientadores que ajudaram a aplicar o conhecimento adquirido e a encontrar soluções mais adequadas a possíveis problemas que surgiram no processo ensino/aprendizagem e nas actividades desenvolvidas.

O conjunto de factores implícitos nessas práticas e actividades, que trouxeram dificuldades e conquistas, contribuíram para o percurso de desenvolvimento do “tornar-se professor”. Assim, as várias experiências da prática lectiva, privilegiou adaptar as minhas intervenções de acordo com o contexto/situação e objectivos que se pretenda que os alunos alcancem.

Deste modo, procurei proporcionar num ambiente agradável um processo de formação que contribuísse para o desenvolvimento harmonioso do aluno nos diferentes níveis nomeadamente, no nível cognitivo, sócio-afectivo e psico-motor, com vista, alcançar os objectivos gerais do ensino, ou seja, formar um cidadão portador de conhecimentos e capaz de actuar na sociedade actual, perspectivando o futuro. Não é, nem foi uma tarefa fácil, ser o “responsável” pela formação de uma pessoa. Tenho que ter a consciência que fiz o meu melhor, identificando contextos, o que me ajudou a conhecer características, conceitos, processos, metodologias e estratégias que permitiram adequar aos problemas reais.

Assim, o meu primeiro passo foi conhecer a escola, os seus problemas e as suas directrizes. O Projecto Curricular de Escola é um instrumento muito importante, pois permite orientarmos face a um contexto que inicialmente é desconhecido. Outros instrumentos foram de grande utilidade de orientação na minha intervenção, como por exemplo, o regulamento interno da escola e os PNEF.

Na minha prática lectiva, foi necessário dominar um conjunto de conteúdos que fizeram parte do acto pedagógico. Para isso, recorri a algumas referências empíricas conhecedoras das diferentes áreas de actuação na prática pedagógica, e que na qual irei fazer uma breve reflexão crítica. Sendo assim, comecei pela planificação, na qual todo o processo de ensino-aprendizagem foi estruturado no tempo.

No nosso caso, essa estruturação já estava definida pelo grupo de Educação Física da escola, ou seja, teve em consideração, as planificações anuais a longo e a médio prazo.

Após esta etapa, vem a selecção e estruturação dos objectivos e conteúdos a leccionar. Na minha opinião, penso que é uma das etapas de desenvolvimento de uma Unidade de Ensino mais difícil, uma vez que, é a partir dessa selecção, que iremos trabalhar para alcançar as metas traçadas.

Poderemos ainda verificar neste relatório, a minha e a ambição quando apresento os aspectos que pretendo melhorar e inovar, seguindo sempre a orientação dos currículos de ensino, contudo, acho que desta forma, posso não ser tão redutor nas minhas tomadas de decisão, ou seja, procurando adequar as estratégias, metodologias e até mesmo adoptar estilos de ensino ajustados a diferentes situações e contextos.

Posso dizer que, algumas das estratégias e estilos de ensino utilizados nas aulas, em grande parte, foram ajustados aos contextos reais situacionais, procurando ter o controlo do processo de ensino e proporcionar um contexto de aula agradável e positivo aos alunos. Pensei que desta forma, estes sentiriam motivados e interessados para ter as minhas aulas.

Penso que esta experiência de dar aulas, permitiu-me vivenciar as várias variáveis de gestão do processo de ensino-aprendizagem, e nas quais foram enriquecedoras na intervenção e formação como futuro professor.

Tive, como professor inexperiente que sou, dificuldades essencialmente de observação, ou seja, em avaliar os alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, mais precisamente, na observação de todos os alunos durante as aulas e que critérios a utilizar na avaliação formativa. É claro que os critérios foram definidos e sabidos pelos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente, do saber o “porquê”, “quando”, “como” e “onde” agir nas diferentes situações reais de aula. As componentes críticas ou critérios de êxito, foram muitas vezes utilizadas nas minhas intervenções nas aulas. Contudo, a minha experiência, foi ainda redutora para dominar o processo de ensino, mais concretamente, a observação dos alunos. Sou da opinião que

com a prática e experiência, poderá melhorar esta minha dificuldade em observar e retirar dados concretos da grande maioria dos alunos de uma turma, para avaliar durante o processo de ensino no seu teu tempo real. É de referir, contudo, que os alunos ao longo destes três períodos lectivos, superaram-se a si próprios, aumentando gradualmente os níveis de desenvolvimento. Acho que na nossa área, por vezes é difícil avaliar os alunos, uma vez que essa avaliação não se resume apenas a pequenos momentos que serão quantificados após análise de um ou mais documentos escritos como acontece com outras áreas.

Para uma melhor avaliação nas aulas de Educação Física, penso que será necessário os professores serem detentores do conhecimento, grandes observadores e acima de tudo, gestores dos actos pedagógicos, com o objectivo de adequarmos sempre os exercícios/ tarefas aos alunos, e assim, estes poderem superar a si mesmos e em relação aos outros.

De um modo geral, penso que a minha intervenção na prática pedagógica foi positiva, uma vez que nunca houve condutas impróprias por parte dos alunos nas minhas aulas, consegui que estivessem motivados na realização dos exercícios com vista a alcançar os objectivos propostos.

Em relação à assistência às aulas, permitiu ter uma maior compreensão dos princípios e processos instrucionais subjacentes à prática lectiva, do controlo dos princípios subjacentes à planificação, organização e gestão, raciocínio do processo e acção pedagógica e reflexão crítica sobre o ensino.

Em relação às outras actividades desenvolvidas (acessória à directora de turma e actividades para a comunidade escolar) e que foram de reflexão neste relatório, de um modo geral, permitiu-me ganhar um conjunto de conhecimentos, nomeadamente, no que concerne aos papéis do director de turma e nos procedimentos a ter na organização de actividades, na rentabilização de recursos (materiais, espaciais e humanos), como também conhecer melhor os alunos e assim, compreendermos e ajustarmos a nossa intervenção nas aulas e em situações específicas.

Em suma, penso que este tipo de actividades, veio contribuir para uma maior valorização do papel da escola e do professor por parte dos encarregados de educação e parcerias.

Posso então concluir, que ganhei um conjunto de competências indispensáveis ao bom desempenho das nossas funções e no desenvolvimento de uma capacidade reflexiva e crítica sobre o nosso próprio trabalho.

De alguma forma, fui capaz de compreender e aplicar os conhecimentos adquiridos na minha formação académica anterior (Licenciatura e 1ºano do mestrado), em contexto reais e na qual procurei a resolução de problemas, originados pelas mais variadas áreas da prática da actividade física, no âmbito do sistema educativo.

Esta experiência de “ser professor-estudante”, permitiu aprofundar e integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções e até mesmo, emitir juízos de informação nos domínios da Educação Física. Fez-me ter uma atitude de elevada responsabilidade social e de cidadania na formação dos nossos alunos para o resto das suas vidas.

É de realçar todo o apoio e abertura da direcção executiva na nossa inserção na escola, como também, do orientador, dos colegas de grupo, dos auxiliares de ensino etc, pois sempre que foi possível, ajudaram para que todas as actividades propostas pelo grupo de estagiários na escola, fossem desenvolvidas. Relativamente aos alunos, penso que tive desde o início até o fim do ano lectivo, um bom relacionamento com eles.

#### 4. Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). Formação Reflexiva de Professores - Estratégias de Supervisão. Porto Editora.
- Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). Supervisão - Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores. Edições Pedago, Lda.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2007). Supervisão da Prática Pedagógica - Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Edições Almedina, SA.
- Altet, M. (2000). Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas. (J. Ferreira, & J. Cláudio, Trads.) Porto Editora.
- Aranha, Á. (2005). Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física. Pedagogia da Educação Física e do Desporto II (Série Didáctica 47).
- Barreiros, J. M. (1992). Aprendizagem Motora - Variabilidade das Condições de Prática. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Carvalho, G. (1996). Uma reflexão sobre elementos de Planificação do processo ensino-aprendizagem. *O Professor*, nº 50, III série.
- Domingos, A. M., Neves, I. P., & Galhardo, L. (1987). Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem. Lisboa: Livros Horizonte.
- Fernandes,S.M.(2003).  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3246/1/TeseDOUTCaires.pdf>.  
Obtido em 13 de Junho de 2011, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>.
- Ferreira, V. (1994). Contribuíos para a caracterização e organização das sessões de Educação Física e Desporto. *Revista Ludensl*, Vol 14, nº 4.
- Januário, C. (1984). Planeamento em Educação Física – Concepção de uma unidade didáctica. *Revistas Horizonte*, Vol I, nº 3.
- Lino, L. S., & Pascoal, I. (2002). Pedagogia do Desporto I e II, Universidade da Madeira
- Neves, E. & Graça, M. (1987). *Princípios Básicos da prática Pedagógico-didáctica*. Coleções Estruturas de Trabalho, Porto, Porto Editora.
- Olimpio Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 2ª Edição, Lisboa, Livros Horizonte.
- Pacheco, J. A., Alves, M. P., Flores, M. A., Paraskeva, J. M., Morgado, J. C., Silva, A. M., et al. (1999). Componentes do processo de desenvolvimento do currículo. Livraria Minho Ferreira & Salgado Lda.

- Pereira, P. (2000). A planificação dos professores em Educação Física: Alguns contributos para o seu estudo. *Horizonte* Vol. XVI - n.º 92 , pp. 15-18.
- Piéron, M. (1982). *Analyse de L'enseignement des Activités Physiques*. Liège, Université de Liège A.S.B.L.
- Piéron, M. (1988). *Didáctica de las Actividades Físicas y deportivas*. Madrid, Editorial Gymnos.
- Pieron, M. (1998). *Didactica - De Las Actividades Fisicas y Deportivas*. (M. Edo, Trad.) Madrid.
- Programas Nacionais de Educação Física Escolar, Ensino Secundário. Ministério da Educação.
- Sarmiento, P., Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., & Ferreira, V. (1998). *Pedagogia do Desporto - Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana.
- Sousa, J. (1991). Pressupostos, Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física. Dossier, *Revista Horizonte*, Vol VIII, nº 46.